

ERVIN LASZLO

PRINCÍPIOS  
DE SABEDORIA

Tradução de  
Ana David

alma  
dos livros

# ÍNDICE

Prefácio, por Deepak Chopra .....	9
Introdução, por Neale Donald Walsch .....	13
O catálogo dos princípios de sabedoria.....	21

## **PRIMEIRA PARTE**

Princípios de verdade intemporal: um guia para a sabedoria.....	23
Posfácio: <i>O Universo Milagrosamente Coerente através da Lente da Espiritualidade</i> , por Alexander Laszlo.....	55

## **SEGUNDA PARTE**

Princípios de sabedoria oportuna: um guia para viver bem .....	61
Posfácio: <i>Evidência para o Princípio Supremo da Sabedoria das Ciências da Vida</i> , por Pier Mario Biava.....	141

## **TERCEIRA PARTE**

Sabedoria para a saúde e a cura, por Maria Sagi .....	147
Sabedoria para os jovens, por Kingsley L. Dennis .....	183
Epílogo, por Gregg Braden.....	205
Três declarações de sabedoria.....	209
Referências .....	221

## PREFÁCIO

por Deepak Chopra

**S**e por um momento der um passo atrás, irá observar que estamos a viver num ramo instável que se ramifica a partir da árvore da sabedoria. Os povos modernos, naturalmente, não veem as coisas desta forma. A palavra «sabedoria» é utilizada de um modo vago, sem estar investida da importância que merece. Nesse sentido, Ervin Laszlo chega a um ponto crucial, resgatando a honra da sabedoria ao revelar o que ela realmente é.

A sabedoria não é o mesmo que educação, aprendizagem, especialização, competência, vasta experiência ou qualquer outro sinónimo. A melhor maneira de a descrever é através da experiência direta. Tocamos no âmago da sabedoria quando agimos com base na intuição e na percepção, quando temos um momento de revelação, e quando de repente sabemos, sem duvidar, o que é verdade. Imaginemos que a mente ativa é como a superfície de um rio agitado pelo vento em ondas e redemoinhos. Por baixo da superfície, as correntes ficam mais calmas e, nas profundezas do rio, a água está quase parada. Este é o nível onde se pode encontrar a sabedoria.

Para simplificar, o conhecimento é o produto do pensamento, mas a sabedoria é um estado de consciência. A razão pela qual vivemos hoje sobre um ramo instável é porque o mundo secular descartou imprudentemente a sabedoria como sendo algo indesejável. Foi associada de forma superficial a oradores cansados, velhos e sentimentais, autodenominados sábios que despendem palavras vazias. (Talvez tenha sido necessário o declínio dos sermões para abrir o caminho à renovação do que é realmente a sabedoria.)

Existem puras pérolas de sabedoria neste livro, fruto de décadas de reflexão do autor, com o propósito subjacente de alcançar uma visão da vida. Nesta visão, a sabedoria é a melhor utilização da mente humana, e a orientação da sabedoria cria a melhor vida que alguém pode ter. Ao escrever este prefácio durante os terríveis dias de pandemia do coronavírus, surgiram dois movimentos em todo o mundo: Um é o movimento alimentado pelo medo e o pânico. O outro é alimentado pelo desejo de criar um mundo novo e melhor.

Ervin Laszlo fala e falou em nome do movimento pela renovação em todos os seus livros. O que distingue a sua visão é que não se baseia em problemas. As crises estão em todo o lado, e todas elas foram submetidas ao conhecimento de especialistas, à grande pressão para a mudança e à necessidade gritante por tal mudança. No entanto, até agora, todo o entendimento, alarido, boa vontade e justiça por uma causa foram ineficazes. Se nos perguntarmos porquê, a mente responde nos três níveis do rio acima mencionados.

A mente ativa e inquieta luta contra os obstáculos, culpa a má-fé dos reacionários, reza para que o bem prevaleça e lamenta eternamente que os problemas sejam demasiado opressores para serem resolvidos. Por baixo da superfície, a mente mais calma empenha-se com diligência e sobriedade para encontrar soluções e agir de acordo com elas. Ao nível mais profundo da

mente, contudo, a sabedoria tem uma resposta. Ela reconhece que o mundo está a passar por uma crise de identidade. Até nos interrogarmos «Quem sou eu?» e chegarmos a uma melhor resposta, as mesmas velhas histórias serão recicladas entre a vítima e o opressor, as forças da luz e das trevas, a batalha perdida dos impotentes contra os poderosos.

«Quem sou eu?» é a pergunta fundamental de sabedoria que determina o nosso estado de ser. A resposta mais sábia, baseada no nível mais elevado do nosso ser, é esta: «Eu sou um campo finito de consciência pura, ilimitado, eterno, bem-aventurado e autorrealizável.» As palavras que emanam deste estado de ser não são divinas, inocentes, incrivelmente puras ou adequadas apenas a um santo ou iogue. Cada mente é fundamentalmente sábia quando se alcança o nível certo. A sabedoria é uma condição universal e, de longe, a mais alegre em que se pode viver.

O facto de neste momento estarmos empoleirados num ramo instável mudará quando pararmos de nos identificar com a mente ativa e inquieta. Uma maneira de compreender o significado disto é através da leitura deste livro, porque a escrita leva-nos para o nível em que a nossa própria sabedoria existe. Somos colocados em contacto connosco mesmos. Experienciaremos quase de imediato «Quem sou eu?» de forma diferente.

Recordo-me de uma anedota encantadora sobre a vida de um guru indiano moderno em Mumbai. Ele levava uma vida simples por cima de uma loja e, embora fosse reverenciado pelos seus devotos, os mesmos devotos sentiam-se livres para expressar os seus ressentimentos e queixas. Um dia, o guru estava a entreter um fiel que ficou impaciente porque o seu almoço ainda não tinha sido trazido. «Não vejo porque é que tu e eu somos tão diferentes», resmungou o devoto. «Somos apenas dois velhos famintos sentados por cima de uma loja à espera do nosso almoço.»

«Aqui está a diferença», respondeu o guru calmamente. «Tu és apenas um velho faminto à espera do teu almoço. O teu mundo é limitado pelos teus humores e caprichos, os teus desejos e insatisfações sempre em mudança. O teu mundo é privado e mais ninguém pode lá entrar.

Mas o meu mundo é ilimitado. Eu vejo sinceridade e luz em todas as direções. O meu ser é o Ser de todas as coisas vivas, da própria existência. Todos são bem-vindos ao meu mundo e, quando entram, experimentam o êxtase da pura consciência.»

Acho muito difícil não derramar lágrimas ao ler esta história, como já fiz dezenas de vezes. O êxtase pode afetar-nos como um desgosto, porque ele deve descartar as tristezas criadas pelo ego. Mas a história é linda ao mesmo tempo. Todos nós já ouvimos dizer: «O que não sabemos não nos pode magoar», mas, no caso da sabedoria, o ditado deveria ser «O que não sabemos pode mudar a nossa vida». A sabedoria é aquela coisa preciosa dentro de nós que não conhecemos até tocá-la, e então ela muda-nos por completo.

Dentro deste espírito, convido-o a ler de um modo especial o novo livro de Ervin Laszlo, *Princípios de Sabedoria*. Desfrute dos pensamentos e das palavras do autor, mas ao mesmo tempo esteja recetivo e disposto a encontrar-se consigo mesmo. A sabedoria pode inspirá-lo quando ela pertence a outra pessoa; ela só pode transformá-lo através da experiência direta. Ao abrir este Guia de Verdades Intemporais e Sabedoria Oportuna, está a abrir a porta para a sua nova identidade, porque através do limiar existe apenas a leveza do Ser e o infinito em todas as direções.

# INTRODUÇÃO

por Neale Donald Walsch

**O** que o leitor está prestes a experienciar é um olhar profundo sobre como podemos enfrentar alguns dos maiores desafios e resolver alguns dos grandes problemas que a humanidade enfrenta atualmente. Como isto pode ter um grande impacto na sua experiência pessoal diária, não apenas no mundo em geral, espero que mergulhe nesta exploração de imediato.

Aqui, irá encontrar mais do que sabedoria. Irá encontrar uma maneira de sair do labirinto, um caminho através do desfiladeiro para o qual parece que marchámos por nós próprios.

Num livro que publiquei há vários anos escrevi que 98% da população mundial está a gastar 98% do seu tempo em coisas que não valem a pena. O livro que está a ler agora lembra-nos de formas maravilhosamente diretas do que *realmente* importa, e de como podemos vivê-las.

Permita-me colocar isto tudo em contexto. O desafio que enfrentamos atualmente na Terra é que nada está a funcionar. Tenho a certeza de que o leitor já percebeu isso. Os atuais sistemas políticos, económicos e sociais do mundo e até mesmo

os nossos sistemas espirituais estão a falhar a torto e a direito. Nenhum deles conseguiu produzir para a maioria de nós os resultados que pretendiam produzir. E, no entanto, as pessoas que detêm o poder dentro desses sistemas continuam a procurar apoio para os seus sistemas *junto* da maioria de nós.

Não podemos continuar a oferecer-lhes isso. Não é possível. Já não nos é viável apoiar, muito menos perpetuar, uma proposta para a criação do nosso futuro que está a levar-nos não aos dias dos nossos sonhos, mas a uma imersão profunda num pesadelo coletivo do qual a maior parte do mundo não parece saber como despertar.

Tenho consciência de que Ervin Laszlo é uma pessoa que sabe como despertar. Ele é aquele que desperta. Aquele que mostra o caminho. Um guia. Uma escolta na jornada da vida em que milhares de milhões embarcaram sem estudar o mapa.

Acho importante ouvir pensadores como ele. Não porque eu considere que Ervin Laszlo e outros que ele refere possam saber mais do que todos nós. (Eles seriam os últimos a sugerir isso.) Mas porque com os indicadores que eles oferecem, podemos encontrar o caminho de volta à nossa consciência mais íntima, aos nossos próprios entendimentos mais elevados e ao nosso próprio nível de consciência mais expandido. É aí, claro, que está o tesouro.

Quer concordemos ou não com tudo o que é dito e proposto aqui, podemos perceber *porque e como* concordamos ou discordamos – e isso, por si só, pode ser um marco importante na nossa própria jornada pelo caminho.

Ervin Laszlo inspira-nos, na notável excursão à clareza que é este livro, a ver que a oportunidade que temos perante nós de avançar rumo à realização do nosso potencial mais elevado enquanto civilização está agora disponível de forma entusiasmante e ao nosso alcance. A asserção é que isto é verdade durante este tempo – e de facto *por causa* – de eventos desastrosos que se abateram sobre nós nesta época da nossa história.

Ele começa por nos recordar que no passado distante os seres humanos estavam mais bem preparados em muitos aspetos para lidar com eventos como os que ocorrem atualmente, visto que eram normalmente mais amáveis, mais compassivos e mais unidos em cuidar uns dos outros e da sua casa do que grande parte da humanidade é hoje.

Ele não expõe isto como uma acusação, mas como um amável convite para avançarmos de forma corajosa e dinâmica na criação da maneira que escolhemos ser, em parte, olhando para trás, para a forma como costumávamos ser. Ele sugere que nós sabíamos algo *intrinsecamente* – algo importante – que parecemos ter esquecido. E depois explora, com uma profundidade maravilhosa, exatamente o que isso é.

O que nos é oferecido neste livro, então, não é apenas um olhar sobre a sabedoria do nosso passado, mas também sobre a promessa do nosso amanhã.

O que precisamos agora é de algumas novas ideias abrangentes, e é isso que Ervin Laszlo e os seus amigos Maria Sagi e Kingsley Dennis revelam. «Novas» não no sentido de nunca se ter ouvido falar delas antes, mas no sentido de nunca terem sido *tentadas* antes. Não numa base global, generalizada. Não com um compromisso completo e inabalável de toda a espécie.

O mais importante nestas abordagens ainda não empreendidas é aceitar, conceptual e funcionalmente, a convicção de que todos somos feitos da mesma matéria. Que todos somos um e, de facto, que *todas as coisas* são uma coisa, manifestando-se de maneira diferente.

O que é fascinante nesta ideia é que não precisamos de concordar sobre que coisa é essa. Podemos chamá-la de Deus. Podemos chamá-la de Poder Superior ou Princípio Organizador da Vida. Podemos chamá-la de Essência Essencial ou simplesmente Energia Pura. Podemos chamá-la de Atrator Cósmico – o impulso intrínseco do universo em direção à plenitude e à unidade. Ou podemos chamá-la simplesmente de Amor.

Há uma questão implícita encontrada nos vincos do que é oferecido neste livro. E se decidíssemos em conjunto – isto é, se a humanidade *enquanto família* concordasse coletivamente – que todos nós, na verdade, não *somos* nada mais (e nada *menos*) do que uma individuação daquela Coisa Única? E se pudéssemos encontrar uma maneira de inspirar esta ideia a ser a força motriz evolutiva da nossa espécie?

Acha que isso faria alguma diferença na forma como nos tratamos uns aos outros no nosso planeta atualmente? Acha que nos muniria melhor e nos ofereceria ferramentas mais eficazes para enfrentar os eventos tumultuosos que ocorrem neste momento nas nossas vidas coletivas?

Penso que conheço uma maneira de o fazer, mas requereria que o leitor «jogasse». Eis a minha ideia: E se optássemos por usar a *imitação* como uma estratégia para introduzir a ideia de unidade na nossa História Cultural?

O leitor certamente notou a rapidez com que se pode inserir uma simples figura de estilo no léxico das pessoas em todo o mundo. De igual modo, peças específicas de vestuário e formas de as usar podem tornar-se *de rigueur* praticamente da noite para o dia. (Os bonés de basebol usados de lado é um exemplo que me surge à mente. Um dia ninguém pensava em fazê-lo, mas no dia seguinte milhares de pessoas usavam-no assim.)

Agora, suponha que o poder da imitação era utilizado como um meio de elevar a humanidade acima dos seus comportamentos mais autodestrutivos. (A violência, para escolher um mais óbvio, que ignora, e até mesmo trabalha contra, os princípios supremos da sabedoria, cuja preocupação é com o bem de todos. Esta lista poderia continuar indefinidamente.)

E se nós decidíssemos que, com as nossas próprias palavras do dia a dia, com as nossas próprias decisões diárias, com as nossas próprias ações quotidianas, iríamos modelar a unidade? Não só a

nossa unidade com as outras pessoas, mas com o próprio planeta. O leitor acha que agir de uma certa forma, falar de uma certa forma, *ser* de uma certa forma, teria algum efeito nos outros? Acha que isso poderia «ser moda»?

Sim, se os outros achassem que isso era algo interessante. Sim, se os outros achassem que isso os faria sentir bem quando *o* fizessem.

Existe algo de fascinante na oportunidade que temos diante de nós. A humanidade já não precisa de utilizar o processo meticulosamente moroso de passar adaptações desejáveis aos outros através da transferência genética de informações ao longo de gerações. Descobrimos uma maneira de impactar os comportamentos quase de forma instantânea. A explosão veloz de comunicação em massa na nossa época permitiu que a *imitação* substituísse a *mutação* no processo de *adaptação*.

Esta simples ferramenta pode ser curativa e transformadora, alterando quase magicamente os comportamentos menos benéficos da humanidade. Tudo depende de quem e do que está a ser imitado.

É aí que o leitor entra. Ou *pode* entrar, se escolher fazê-lo. Ninguém lhe vai dar esta missão. Não haverá «confrontos de cavaleiros» entre os escolhidos para resgatar a donzela em perigo que é a humanidade. Todos nós temos que nos autoeleger para o fazer.

Temos que nos escolher a nós próprios para estar entre aqueles que se comprometem a prosseguir com a sua própria evolução individual e particular, adotando e demonstrando comportamentos que, através do rumo natural dos acontecimentos, despertem aqueles cujas vidas tocam, de forma a percebermos quem e o que somos realmente enquanto seres humanos (vou dizer: «individuações da Divindade»), e de que forma o que somos pode ser manifestado na nossa existência terrena.

Por regra, as pessoas seguem as sugestões daquelas que admiram. A maioria de nós começa com os nossos pais, se tivermos a sorte de ter pais com qualidades admiráveis. Pode ir desde aí aos irmãos ou irmãs mais velhos, à família ou amigos maravilhosos, posteriormente figuras do desporto, celebridades do entretenimento e diretamente para – ou muito além – os líderes do nosso país.

E o que se está a imitar não é apenas uma moda e uma tendência, mas palavras que são ditas, modos de ser que se revelam. Por isso, olhe em seu redor agora. As pessoas no seu país estão a ser mais compassivas e atenciosas, pacientes e compreensivas, gentis e tolerantes, aceitando e perdando mais do que nunca? Elas estão a imitar alguém? E se sim, quem?

E talvez ainda mais urgente, o quê ou quem estamos a *oferecer-lhes* para elas imitarem?

Não seria uma maneira notável de viver se, no momento em que saísse pela porta da frente, oferecesse aos outros algo importante para eles imitarem?

De todos os maravilhosos princípios de sabedoria oferecidos aqui, o que mais me atrai é que o leitor tem um propósito neste planeta. E esse propósito parece relevante para a pergunta que fiz anteriormente.

Não quero revelar o desfecho deste livro, por isso não irei adiantar isso agora. O meu desejo para si é que mergulhe profundamente em toda a riqueza que aqui está e desfrute da visão de Ervin sobre isso como recompensa pelas suas explorações.

Assim, se o leitor se interessa genuinamente pelo propósito da sua vida e em como torná-la melhor para si, para os seus entes queridos e para todos aqueles cujas vidas toca, colocou-se no lugar e momento certos.

Vou sugerir que comece por fazer a pergunta que tenho feito a mim mesmo e a outras pessoas há vinte e cinco anos. *É possível que*

*haja alguma coisa que não compreendamos totalmente sobre Deus, sobre a vida e sobre nós mesmos e cuja compreensão mudaria tudo?*

Esta é a questão do momento. Esta é a pergunta urgente da nossa época. Esta é a questão explorada aqui, com respostas substanciais e não apenas simplistas ou simplesmente da moda para o leitor ponderar. Irá encontrar de seguida uma base maravilhosa para tomar decisões fundamentais sobre a sua vida.

Estou grato a Ervin Laszlo por oferecer o dom do seu notável pensamento sobre toda a questão da nossa existência terrena e o que ela significa – e o que *pode* significar para todos nós.

*Princípios de Sabedoria* é um tesouro. Estou feliz por o leitor ter encontrado o seu caminho até ele.

O leitor não chegou aqui por acidente, seguiu um impulso.  
Bom trabalho.



*A iluminação não tem nada que ver com o alcance de um lugar «mais elevado». As pessoas esforçam-se porque sentem que precisam de chegar a outro lugar. Todos os lugares estão aqui. Uma pessoa não precisa de estar em nenhum outro lugar a não ser aqui, onde está. Sentir que a unidade não está «mais além» nem é «superior» – é onde está sentado agora. Não precisa de ir a lugar nenhum – só precisa de Ser.*



## PRIMEIRA PARTE

# PRINCÍPIOS DE VERDADE INTEMPORAL: UM GUIA PARA A SABEDORIA

*Existem princípios de sabedoria: princípios que são verdades intemporais. São do conhecimento de inúmeras gerações de sábios, filósofos e pessoas ligadas à espiritualidade. Elas colocam e sugerem respostas para as maiores questões da vida. A sua relevância para a nossa própria vida nunca foi tão eminente como é hoje, quando enfrentamos o desafio de encontrar o nosso caminho para ultrapassar a crise do velho mundo, em direção a um novo mundo onde todos possamos viver e prosperar.*

*Pode existir uma sabedoria superior  
no mundo. E essa sabedoria  
provém de uma consciência que existe  
além do cérebro  
— uma consciência que o meu cérebro  
pode capturar e processar  
e, em última análise, transmitir.  
Esta é a sabedoria oferecida  
pelas grandes religiões e sistemas  
espirituais do mundo, e é  
sustentada pelo novo paradigma que  
está a surgir na vanguarda  
das ciências contemporâneas.*

## *Capítulo Um*

# AS DUAS MAIORES QUESTÕES: DE ONDE VIEMOS? PORQUE ESTAMOS AQUI?

**E**stas são talvez as duas maiores questões que as pessoas que mais pensam já colocaram sobre si mesmas e sobre o mundo que as rodeia. Hoje podemos oferecer-lhes uma resposta melhor e mais confiável do que poderíamos fazer antes.

### DE ONDE VIEMOS?

Quando se trata de investigar as nossas origens mais profundas, a ciência evolutiva une-se à intuição mística para dar a mesma resposta básica. Nós não fomos concebidos como somos agora: evoluímos. Mas o conceito sobre onde evoluímos é diferente na ciência e no misticismo. É diferente em relação à explicação e à formulação, embora não no seu sentido.

De acordo com a cosmologia quântica, evoluímos a partir do «estado estacionário» primordial do universo. Na cosmologia quântica, este estado é visto como um mar de vibração coerente. O universo manifesto é o conjunto das vibrações que emergiram neste mar. As vibrações emergentes «excitaram» o

mar quântico: levaram-no para o que os físicos descrevem como o estado excitado. O estado excitado é a base de todas as vibrações possíveis no mar quântico. Estas são dadas em potência; e no estado excitado algumas das vibrações tornam-se realidade. Os núcleos de vibrações que constituem o universo observável são vibrações no estado excitado do mar quântico: são o estado manifesto do universo.

Este resumo da análise da física sobre a origem das «coisas» no universo tem sido ponderado de uma forma intuitiva nas tradições de sabedoria. As histórias da criação dos sistemas espirituais do mundo falam de um domínio primordial a partir do qual o manifesto emergiu. Em algumas metafísicas orientais, este domínio é um ovo cósmico, enquanto no Antigo Testamento é um mar escuro e sem forma – um vazio. «No princípio, Deus criou o céu e a terra; a terra era sem forma e vazia; e as trevas cobriam a face do abismo. E o Espírito de Deus movia-se sobre a face das águas.» (Gênesis 1:1-2) Deste vazio sem espaço e intemporal, Deus criou a luz, o firmamento, o dia e a noite, e todas as coisas que vieram a existir no universo.

Este relato sobre as nossas origens cósmicas também é fornecido pela cosmologia taoista. Aqui é dito que todas as coisas têm origem no Tao, e todas as coisas regressam ao Tao. O Tao é a origem e o destino de todas as coisas. Não é observável, e nem mesmo nomeável. Só pode ser definido pela negativa, pelo que não é. Como a literatura do Tao enfatiza, o Tao não pode ser visto pelos nossos olhos. O Tao não pode ser ouvido pelos nossos ouvidos. O Tao não pode ser tocado pelas nossas mãos.

O reconhecimento de uma origem primordial ocorre e repete-se também na história da filosofia. Platão chamou-lhe de esfera das Formas e das Ideias e identificou-a como sendo a morada da Alma. Os filósofos helénicos deram-lhe vários nomes: Pitágoras nomeou-a de «Cosmos» e Plotino de «o Uno». No nosso tempo, o físico quântico David Bohm identificou-a

como a ordem «implícita» (envolta), o lugar e o início do mundo manifesto: a ordem «explícita» (desdobrada). Vivemos na ordem explícita, mas esta ordem e todas as coisas nela inseridas são formadas e moldadas – como Bohm diria, «en-formada» – pela ordem implícita.

A ordem implícita é a dimensão profunda do mundo há muito tempo intuída e agora redescoberta. Nós, como todas as coisas na ordem «explícita» manifesta, surgimos como núcleos «en-formados» de vibração coerente no estado excitado do mar quântico que se manifesta como o universo.

Esta é a resposta da cosmologia inovadora à indagação sobre as nossas origens. Na perspectiva da espiritualidade, viemos do nada que também é uma plenitude que precedeu e ainda está subjacente ao universo manifesto. Esse nada é o «vazio» da Bíblia, o «Tao» do misticismo oriental, o «vácuo quântico» da física dominante e a «ordem implícita» da física quântica.

As respostas acima mencionadas têm uma característica importante em comum: elas falam de «criação» progressiva, ou autoevolução, a partir de origens comuns. A evolução do mundo não é uma sequência mecânica e pré-programada de acontecimentos, mas um processo criativo inspirado e «en-formado» por uma centelha fundamental: a semente da vida, da mente e da ordem da natureza. Estas sementes são possibilidades e já estavam presentes no início e tornaram-se realidade – e continuam a ser concretizadas – com o passar do tempo.

O início deste processo de evolução criativa é assinalado pela maioria dos cosmólogos como sendo a singularidade cósmica popularmente conhecida como o Big Bang. Este evento ocorreu há cerca de 13,8 mil milhões de anos. Injetou energias extraordinárias no estado estacionário precedente do universo, «excitou-o» e deu origem aos processos formativos que criaram *quarks* e *quanta*, átomos e cristais, moléculas, estrelas, sistemas estelares e galáxias, organismos vivos e ecologias de tais organismos na

Terra – e possivelmente em mil milhões de outros planetas que orbitam estrelas ativas que irradiam energia nesta galáxia e em inúmeras outras.

## PORQUE ESTAMOS AQUI?

Eu estou vivo, vivo um dia depois do outro. Até que um dia deixo de viver. Porque é que vivi – porque é que vivo agora? Existe um sentido ou razão para a minha vida – para a vida como um todo?

Claro que pode ser que não haja necessidade de perder tempo com a questão do sentido da vida, uma vez que a resposta é simples e direta. Não há um sentido superior ou mais profundo: o sentido da vida é apenas o de estar vivo. Isto corresponderia ao que supomos saber sobre a experiência de outros seres vivos à nossa volta. Quando chega a primavera, a relva cresce e os pássaros cantam e eles não se preocupam com um sentido mais profundo. Eles não se questionam por que razão estão vivos. Talvez estejam vivos apenas para viver. A própria vida é um grande milagre e estar vivo pode ser um fim em si mesmo. O meu melhor amigo, *Nikki*, cumprimenta-me pela manhã, entreolhamo-nos e saímos para dar uma volta. Ele está feliz. Ele não se questiona sobre o sentido da sua vida. Talvez o fizesse se pudesse, e diria: para viver e ser feliz. Mas na sua condição atual de cão, ele não consegue colocar esta questão.

Mas o leitor e eu, que nascemos como seres humanos, podemos interrogarmo-nos. Será que existe um sentido mais profundo para estarmos vivos e, se houver, qual é? Não posso, em sã consciência, desconsiderar e descartar esta questão. Pode ser que tenha sido mais do que um golpe de sorte o facto de eu ter nascido como alguém que pode fazer esta pergunta. Talvez a capacidade de questionar isso seja a resposta. Será que nasci um ser humano para poder questionar sobre o sentido da vida?